

BARÃO LUÍS DE GULDENSTUBBÉ
**A REALIDADE
DOS ESPÍRITOS**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

PNEUMATOGRAFIA

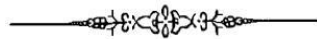
(ESCRITA DIRETA DOS ESPÍRITOS)

AS PESQUISAS
DO BARÃO GULDENSTUBBÉ

PROVAS IRREFUTÁVEIS DA SOBREVIVÊNCIA
DA ALMA HUMANA



La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe, Par M. Le baron de Guldenstubbé, 1 vol. in-8, avec 15 planches et 93 fac simile. Prix 8 fr. chez Frank, rue Richelieu, 1857, Paris. Se trouve aussi chez Dentu et Ledoyen.



CONTÉM 30 GRAVURAS

DA ESCRITA DIRETA DOS ESPÍRITOS

(PNEUMATOGRAFIA)

VERSÃO DIGITALIZADA EM 2018

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

WWW.AUTORESESPIRITASCLASSICOS.COM



Autores Espiritas Clássicos

Data da publicação: 07 de setembro de 2018

TRADUTORA: Fabiana Rangel

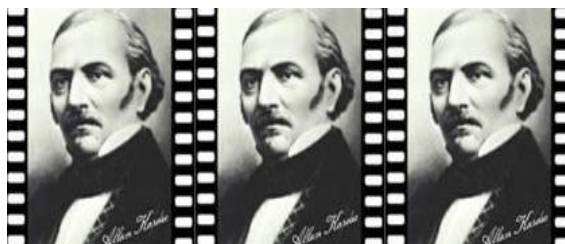
REVISÃO: Irmãos W. e Jorge Hessen

Publicação: www.autoresespíritasclassicos.com



Autores Espíritas Clássicos

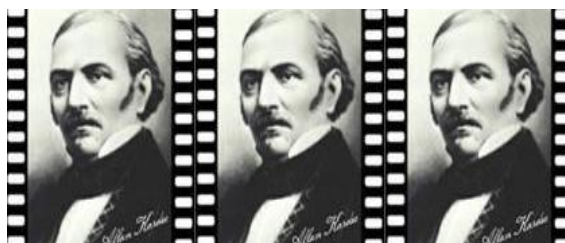
São Paulo/Capital
Brasil



Pneumatografia - (Do grego - pneuma - ar, sopro, vento, espírito, e graphô, escrevo.)
Escrita direta dos Espíritos, sem o auxílio da mão de um médium.

A Pneumatografia é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário. Difere da psicografia porque esta é a transmissão do pensamento do Espírito pela mão do médium.

Allan Kardec "O Codificador do Espiritismo"



A escrita direta, ou pneumatografia, é a que se produz espontaneamente sem o concurso nem da mão do médium, nem do lápis. Basta tomar uma folha de papel branco, dobrá-la e colocá-la em algum lugar, em uma gaveta, ou simplesmente sobre um móvel, e se estivermos em condições favoráveis, ao fim de um tempo mais ou menos longo, acharemos no papel caracteres traçados, sinais diversos, palavras, frases e mesmo discursos, frequentemente com uma substância cinzenta igual ao chumbo, outras vezes com lápis vermelho, tinta ordinária e mesmo tinta de impressão.

Nesse tipo de fenômeno, o Espírito não se serve nem de nossas substâncias, nem de nossos instrumentos: ele mesmo faz a matéria e os instrumentos de que precisa, tirando seus materiais do elemento primitivo universal ao qual ele imprime por sua vontade as modificações necessárias ao efeito que quer produzir. Ele, assim, pode muito bem fabricar tinta vermelha, tinta de impressão e mesmo caracteres tipográficos bastante resistentes para dar relevo à impressão, de que temos visto exemplos. É desse modo que podemos explicar a aparição das três palavras na sala do festim de Baltazar, de que nos fala a Bíblia.

Allan Kardec "O Codificador do Espiritismo"

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Barão de Guldenstubbé - Biografia..... | 05 |
| Prefácio da obra - Guldenstubbé, um pioneiro de uma Nova Revelação..... | 07 |
| Allan Kardec (Pneumatografia ou Escrita Direta) | |
| Revista Espírita de agosto de 1859..... | 09 |
| Allan Kardec (Pneumatografia ou Escrita Direta) | |
| Livro dos Médiuns - Segunda Parte - Capítulo XII..... | 14 |
| Gabriel Delanne - As Experiências de Guldenstubbé..... | 17 |
| 30 Gravuras (Pneumatografia - Escrita direta dos espíritos) | |
| Guldenstubbé - La Réalité des Esprits - Et de Leurs Manifestations..... | 23 |



BARÃO DE GULDENSTUBBÉ

(1820 - 1873)

Este grande paladino do Espiritismo foi um grande trabalhador das primeiras horas do Espiritismo, um grande pesquisador da alma e que teve também as suas obras queimadas na Espanha pela Santa Inquisição no dia 9 de outubro de 1861 no conhecido AUTO-DE-FÉ EM BARCELONA.

O Barão Luis Guldenstubbé, que deixou a vida em 27 de maio de 1873, na sua residência, em Paris, 29 rua de Trévisse, aos 53 anos de idade, foi conhecido principalmente por suas investigações e experiências em pneumatografia. De origem sueca, pertencia a antiga família escandinava, de nomeada histórica, tendo dois dos seus antepassados do mesmo nome sido queimados vivos, em 1309, na companhia de Jacques de Molay, por ordem do Papa Clemente IV.

O Barão passava uma vida retirada, em companhia de sua virtuosa irmã. Sua memória é afetosamente respeitada por sua conduta nobre, urbana e benévola e por seus numerosos atos de modesta caridade. Dedicou-se mais às experiências da escrita direta, na França onde obteve em 13 de agosto de 1856, o primeiro sucesso nessa modalidade de comunicação espírita. Escreveu o livro intitulado "La Réalité des Spirites et de leurs Manifestations" (A Realidade dos Espíritos e de suas Manifestações) (1857). E também a obra Pensées d'outre-tombe (1858).

Em poucos anos de trabalhos experimentais, o Barão obteve um número considerável de escrita direta, algumas obtidas sem o auxílio de lápis, papel ou ardósia. Os próprios espíritos comunicantes transportavam o material necessário para a obtenção das mensagens.

- "Esses fenômenos", diz ele "estão agora firmados sobre a base sólida dos fatos, permitindo que de ora em diante consideremos a imortalidade da alma como um fato científico, e o Espiritismo como uma ponte lançada entre este mundo e o Invisível."

Escrita Direta

O Barão de Guldenstubbé foi o primeiro que obteve, na França, a escrita direta.

Eis como ele relata o fato ("La Réalité des Esprits", págs. 66 e 67):

"Em um belo dia (1 de Agosto de 1856), veio-lhe o pensamento de experimentar se os Espíritos podiam escrever diretamente, sem o auxílio de um médium. Conhecendo a escrita direta misteriosa do Decálogo, segundo Moisés, a escrita igualmente direta e misteriosa na sala do festim do Rei Baltasar, segundo Daniel, e tendo ouvido falar dos mistérios modernos de Straford, na América, onde se acharam certos caracteres ilegíveis e estranhos traçados num pedaço de papel e que não pareciam provir dos médiuns; o autor quis certificar-se da realidade de um fenômeno

cujo alcance seria imenso, se fosse verdadeiro.

“Colocou, portanto, uma folha de papel em branco e um lápis aparado dentro de uma caixinha fechada a chave, guardando sempre essa chave consigo e a ninguém dando parte da sua experiência. Durante doze dias esperou inutilmente, sem observar o menor traço de lápis no papel; mas, a 13 de Agosto de 1856, o seu espanto foi grande quando notou certos caracteres misteriosos no papel; apenas sucedeu tal fato, e ele repetiu por dez vezes a experiência no mesmo dia, para sempre memorável, colocando, no fim de cada meia hora, uma nova folha de papel em branco na caixinha. A experiência foi coroada de êxito completo.

“No dia imediato, 14 de Agosto, fez de novo umas vinte experiências, deixando a caixinha aberta e não a perdendo de vista; viu, então, que caracteres e palavras na língua Estônia formavam-se ou eram gravadas no papel, sem que o lápis se movesse. Desde então, vendo a inutilidade do lápis, cessou de pô-lo sobre o papel; e, colocando simplesmente uma folha de papel dentro de uma gaveta, em sua casa, obteve também comunicações.” (No fim da obra do Barão encontram-se fac-símiles dessas escritas).

O Barão de Guldenstubbé repetiu a experiência em presença do Conde d’Ourches, e este obteve uma comunicação de sua mãe, cuja assinatura e letra foram reconhecidas como autênticas, quando comparadas com as dos autógrafos que o Conde possuía.

Esses primeiros ensaios foram seguidos de muitos outros, e o autor adquiriu a certeza de não ser ele quem escrevia em estado sonambúlico, como julgou a princípio.

Gabriel Delanne - O Fenômeno Espírita

PREFÁCIO DA OBRA

Guldenstubbé, um pioneiro de uma Nova Revelação

Ao falar do barão de Guldenstubbé somos convidados a refletir sobre o fenômeno da pneumatografia, ou seja da escrita direta dos Espíritos, sem o auxílio da mão de um médium. Em verdade, o vocábulo assentado por Kardec é a conexão do prefixo grego - pneuma (ar, sopro, vento, espírito), com o sufixo - graphô (escrevo). O fenômeno é, incontestavelmente, um dos mais admiráveis do Espiritismo. Porém, por mais curioso que pareça, constitui atualmente evento investigado e incontroverso. Se a teoria é necessária para a abrangência dos fenômenos espíritas em geral, talvez mais forçosa ainda se faz neste caso que, sem contenda, é um dos mais curiosos que se possam oferecer, porém que deixa de parecer sobre-humano, desde que se lhe compreenda o princípio.

Se considerarmos a escrita direta quanto às vantagens que pode oferecer, diremos que até o presente a sua principal utilidade consiste na constatação material de um fato importante: a intervenção de um poder oculto que encontra nesse processo um novo meio de se manifestar. Mas as comunicações assim obtidas são raramente de alguma extensão. Em geral são espontâneas e se limitam a palavras, sentenças, frequentemente sinais ininteligíveis. São obtidas em todas as línguas: em grego, em latim, em siríaco, em caracteres hieroglíficos, etc., mas ainda não serviram às conversações contínuas e rápidas que a psicografia permite.

O Barão de Guldenstubbé foi o primeiro que obteve, na França, a escrita direta. Foi num esplêndido dia de Agosto de 1856, quando surgiu-lhe a ideia de provar se os Espíritos podiam escrever espontaneamente, sem o auxílio de um médium. Reconhecendo a escrita direta misteriosa do Decálogo obtida por Moisés, no Monte Sinai, tanto quanto a escrita igualmente direta e misteriosa na sala do festim do Rei Baltasar, segundo consta no livro de Daniel, e tendo ouvido falar dos mistérios modernos de Straford, na América, onde se acharam certos caracteres ilegíveis e estranhos traçados num pedaço de papel e que não pareciam provir dos médiuns; o Guldenstubbé quis certificar-se da realidade de um fenômeno cujo alcance seria imenso, se fosse conseguido por ele.

A escrita direta é muitas vezes obtida, como a maioria das manifestações espíritas não espontâneas, pelo recolhimento, a prece e a evocação. Muitas vezes foi obtida nas igrejas, sobre os túmulos, junto a estátuas e imagens de personagens evocadas. Mas é evidente que o local só influi por favorecer o recolhimento e a maior concentração mental, pois está provado que é obtida igualmente sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, como sobre um simples móvel caseiro, desde que se esteja nas condições morais exigidas e se disponha da necessária faculdade mediúnica. Achava-se a princípio que era necessário colocar um lápis com o papel. O fato, então, poderia ser mais facilmente explicado. Sabe-se que os Espíritos movem e deslocam objetos, que pegam e atiram à distância, podendo assim pegar o lápis e escrever.

Logrando êxito Guldenstubbé passou a obter seus escritos pneumatográficos a qualquer lugar e hora, a céu aberto, em cima de uma lápide, local que ele

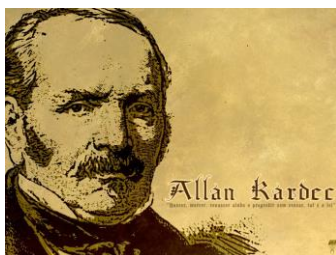
especialmente gostava. Entre os lugares onde os experimentos foram improvisados com sucesso estão o Louvre, o Museu de Versailles, a Catedral de São Denis, Abadia de Westminster, o Museu Britânico, os Cemitérios de Montparnasse, Montmartre e Père-Lachaise, Bois de Bolonha e várias igrejas e ruínas antigas na França, Alemanha, Áustria e Inglaterra.

De origem sueca e pertencente a antiga família escandinava, Guldenstubbé era rico, sua independência e a consideração que desfrutava no alto mundo afastam incontestavelmente qualquer suspeita de fraude voluntária, pois nenhum motivo interesseiro (mercantilista) poderia movê-lo. Poder-se-ia admitir a sua própria ilusão, mas a isso responde decisivamente um fato: a obtenção do mesmo fenômeno por outras pessoas que se cercaram de todas as precauções necessárias para evitar qualquer trapaça ou motivo de engano.

A lista de testemunhas, que assistiram os experimentos do Barão, inclui os nomes de H. Delamarre, editor de o Patrie; H. Choisselat, editor de o Univers; Sr. Dale Owen; M. Lacordaire, irmão do grande orador; N. de Bonochose, historiador; M. Kiorboe, um bem-conhecido pintor sueco; o Barão von Rosenberg, embaixador alemão na corte de Wurtemberg; Príncipe Leonilde Galitzin e dois outros representantes da nobreza de Moscou; e o rev. William Mountford, que contribuiu com seu testemunho pessoal ao The Spiritualist de 21 de dezembro de 1877.

Guldenstubbé foi um lídimo artesão das primeiras horas, um grande pesquisador da alma e recordemos que ele teve também as suas obras incluídas entre os trezentos volumes que Kardec enviou para a Espanha, que infelizmente foram queimadas em Barcelona, no tétrico e circense cenário do famigerado "Auto de Fé" levado a efeito pelo clero espanhol numa manhã de outubro de 1861.

São Paulo, 09 de setembro de 2016
Jorge Hessen



ALLAN KARDEC
(O CODIFICADOR DO ESPIRITISMO)
(1804 - 1869)

Pneumatografia ou Escrita Direta

Revista Espírita 1859 » Agosto » Pneumatografia ou escrita direta

Pneumatografia ou Escrita Direta A pneumatografia é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da psicografia, por ser esta a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium. Demos essas duas palavras no Vocabulário Espírita, posto no início de nossa Instrução Prática, com a indicação de sua diferença etimológica. Psicografia, do grego psykê, borboleta, alma; e graphus, eu escrevo; Pneumatografia, de pneuma, ar, sopro, vento, Espírito. No médium escrevente a mão é um instrumento, mas a sua alma, ou Espírito encarnado, é o intermediário, o agente ou o intérprete do Espírito estranho que se comunica; na Pneumatografia, é o próprio Espírito estranho que escreve diretamente, sem intermediário.

O fenômeno da escrita direta é, inegavelmente, um dos mais extraordinários do Espiritismo. Por anormal que pareça à primeira vista, é hoje um fato verificado e incontestável. Se dele ainda não falamos, é que esperávamos poder dar-lhe a explicação e já ter procedido às observações necessárias, a fim de tratar a questão com conhecimento de causa. A teoria, sempre necessária para nos inteirarmos da possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, talvez ainda se faça mais necessária neste caso que, sem contestação, é um dos mais estranhos que se possam apresentar, deixando, porém, de parecer sobrenatural, desde que se lhe compreenda o princípio.

Da primeira vez que este fenômeno se produziu, a dúvida foi o sentimento dominante que deixou. Logo acudiu aos que o presenciaram a idéia de um embuste. Toda gente, com efeito, conhece a ação das tintas chamadas simpáticas, cujos traços, a princípio completamente invisíveis, aparecem ao cabo de algum tempo. Podia, pois, dar-se que tivessem, por esse meio, abusado da credulidade dos assistentes, e longe nos achamos de afirmar que nunca o tenham feito. Estamos até convencidos de que algumas pessoas, não com propósito mercenário, mas unicamente por amor-próprio e para fazer acreditar nas suas faculdades, hão empregado subterfúgios.

Na terceira das cartas escritas de Montaigne, J.-J. Rousseau refere o seguinte fato: “Em 1743 vi em Veneza uma nova espécie de sortilégio, mais estranho que os de Préneste; quem o quisesse consultar entrava numa câmara, ali permanecendo sozinho, caso o desejasse. De um livro de folhas brancas tirava uma de sua escolha; depois, segurando essa folha, pedia mentalmente, e não em voz alta, aquilo que desejava saber; em seguida, dobrava a folha branca, depositava-a num envelope, lacrava-o e o colocava, assim fechado, dentro de um livro. Finalmente e sem perder o livro de vista, depois de haver recitado algumas fórmulas muito extravagantes, verificava se

o selo não tinha sido violado, abria o envelope, retirava o papel e encontrava escrita a resposta. O mágico que fazia estas sortes era o primeiro secretário da Embaixada da França e se chamava J.-J. Rousseau.”

Duvidamos que Rousseau tenha conhecido a escrita direta, pois, do contrário, teria sabido outras coisas relativas às manifestações espíritas e não teria tratado do assunto com tanta leviandade. Como ele próprio reconheceu quando o interrogamos sobre este fato, é provável que utilizasse um processo que aprendera de um charlatão italiano.

Entretanto, do fato de se poder imitar uma coisa, fora absurdo concluir-se pela sua inexistência. Nestes últimos tempos, não se há encontrado meio de imitar a lucidez sonambúlica, ponto de causar ilusão? Mas, porque esse processo de saltimbanco se tenha exibido em todas as feiras, dever-se-á concluir que não haja verdadeiros sonâmbulos? Porque certos comerciantes vendem vinho falsificado, será uma razão para que não haja vinho puro? O mesmo sucede com a escrita direta. Bem simples e fáceis eram, aliás, as precauções a serem tomadas para garantir a realidade do fato e, graças a essas precauções, hoje ele já não pode constituir objeto da mais ligeira dúvida.

Considerando-se que a possibilidade de escrever sem intermediário representa um dos atributos do Espírito; uma vez que os Espíritos sempre existiram desde todos os tempos e que desde todos os tempos se têm produzido os diversos fenômenos que conhecemos, o da escrita direta igualmente se há de ter operado na Antigüidade, tanto quanto nos dias atuais. Deste modo é que se pode explicar o aparecimento das três palavras célebres, na sala do festim de Baltazar. A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos, mas que eram abafados por meio das fogueiras, também deve ter conhecido a escrita direta; igualmente é possível que, na teoria das modificações por que podem os Espíritos fazer passar a matéria, teoria que desenvolvemos em nosso artigo anterior, se encontre o fundamento da crença na transmutação dos metais. É um ponto que abordaremos qualquer dia.

Um de nossos assinantes ultimamente nos dizia que um de seus tios, cônego, que durante muitos anos havia sido missionário no Paraguai, obtinha, por volta do ano 1800, a escrita direta, juntamente com seu amigo, o célebre abade Faria. Seu processo, que nosso assinante jamais chegou a conhecer bem, e que de alguma sorte surpreendera casualmente, consistia numa série de anéis pendurados, aos quais eram adaptados lápis, dispostos em posição vertical, cujas pontas apoiavam-se no papel. Esse processo refletia a infância da arte; depois progredimos.

Todavia, quaisquer que tenham sido os resultados obtidos em diversas épocas, só depois de vulgarizadas as manifestações espíritas foi que se tomou a sério a questão da escrita direta. Ao que parece, o primeiro a torná-la conhecida, estes últimos anos, em Paris, foi o barão de Guldenstubbé, que publicou sobre o assunto uma obra muito interessante, com grande número de fac-símiles das escritas que obteve (20). O fenômeno já era conhecido na América, havia algum tempo. A posição social do Sr. Guldenstubbé, sua independência, a consideração de que goza nas mais elevadas rodas incontestavelmente afastam toda suspeita de fraude intencional, porquanto não havia nenhum motivo de interesse a que ele obedecesse. Quando muito, o que se poderia supor, é que fora vítima de uma ilusão; a isto, porém, um fato responde peremptoriamente: o de haverem outras pessoas obtido o mesmo fenômeno, cercadas de todas as precauções necessárias para evitar qualquer embuste e qualquer causa de erro.

(20) *La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe, pelo barão de Guldenstubbé, 1 vol. in-8o , com 15 estampas e 93 fac-símiles. Preço 8 fr. Casa Frank, rua Richelieu. Encontra-se também nas Casas Dentu e Ledoyen.*

A escrita direta é obtida, como em geral a maior parte das manifestações espíritas não espontâneas, por meio da concentração, da prece e da evocação. Tem-se produzido em igrejas, sobre túmulos, no pedestal de estátuas, ou imagens de personagens evocadas. Evidentemente, o local não exerce nenhuma outra influência, além da de facultar maior recolhimento espiritual e maior concentração dos pensamentos, porquanto provado está que o fenômeno se obtém, igualmente, sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, sobre um simples móvel caseiro, desde que os que desejam obtê-lo se achem nas devidas condições morais e, entre esses, se encontre quem possua a necessária faculdade mediúnicamente.

Julgou-se, a princípio, ser preciso colocar aqui ou ali um lápis com o papel. O fato então podia, até certo ponto, explicar-se. É sabido que os Espíritos produzem o movimento e a deslocação dos objetos; que, algumas vezes, os tomam e atiram longe. Bem podiam, pois, tomar também do lápis e servir-se dele para traçar letras. Visto que o impulsionam, utilizando-se da mão do médium, de uma prancheta, etc., podiam, do mesmo modo, impulsioná-lo diretamente. Não tardou, porém, se reconhecesse que o lápis era dispensável, que bastava um pedaço de papel, dobrado ou não, para que, ao cabo de alguns minutos, se achassem nele grafadas as letras. Aqui, o fenômeno já muda completamente de aspecto e nos transporta a uma ordem inteiramente nova de coisas. As letras não de ter sido traçadas com uma substância qualquer. Ora, sendo certo que ninguém forneceu ao Espírito essa substância, segue-se que ele próprio a compôs. Donde a tirou? Esse o problema.

O general russo, conde de B... mostrou-nos uma estrofe de dez versos alemães obtida dessa maneira por intermédio da irmã do barão de Guldenstubbé, simplesmente colocando uma folha de papel, arrancada de sua própria caderneta, debaixo do pedestal do relógio da chaminé. Tendo-a retirado ao cabo de alguns minutos, nela encontrou versos em caracteres tipográficos alemães muito finos e de perfeita pureza. Através de um médium psicógrafo o Espírito lhe disse que queimasse esse papel; como hesitasse, lamentando sacrificar um espécimen tão precioso, o Espírito acrescentou: “Nada temais; dar-te-ei um outro”. Com essa garantia, lançou o papel ao fogo, depois colocou uma segunda folha, igualmente tirada de sua carteira, sobre a qual os versos se achavam reproduzidos, exatamente da mesma maneira. Foi essa segunda edição que vimos e examinamos com o maior cuidado e, coisa bizarra, os caracteres apresentavam um relevo como se tivessem saído do prelo. Não é, pois, apenas o lápis que os Espíritos podem fazer, mas a tinta e os caracteres de imprensa.

Um dos nossos honrados colegas da Sociedade, o Sr. Didier obteve há alguns dias os resultados seguintes, que tivemos oportunidade de constatar, e cuja perfeita identidade podemos garantir. Tendo ido à igreja de Nossa Senhora das Vitórias, com a Sra. Huet, que há pouco obteve sucesso em experiências desse gênero, tomou uma folha de papel de carta com o timbre de sua casa comercial, dobrou-a em quatro e a colocou sobre os degraus de um altar, rogando, em nome de Deus, que um Espírito bom se dignasse escrever alguma coisa. Ao cabo de dez minutos de recolhimento encontrou no interior e numa das partes dobradas da folha a palavra fé e num dos outros campos a palavra Deus. A seguir, tendo pedido ao Espírito que dissesse quem

havia escrito aquilo, recolocou o papel no mesmo lugar e, após dez minutos, encontrou estas palavras: por Fénelon.

Oito dias mais tarde, a 12 de julho, quis repetir a experiência e dirigiu-se ao Louvre, à sala Coyzevox, situada sob o pavilhão do relógio. Sobre a base do busto de Bossuet pôs uma folha de papel, dobrada como a primeira, mas nada obteve. Um menino de cinco anos o acompanhava e seu boné foi deixado no pedestal da estátua de Luís XIV, que se encontrava a alguns passos da primeira. Julgando que a experiência houvesse falhado, já se dispunha a sair quando, ao pegar o boné, percebeu embaixo deste, como se fora escrito a lápis sobre o mármore, a expressão amai a Deus, seguida da letra B. O primeiro pensamento que veio à mente dos assistentes foi o de que tais palavras poderiam ter sido escritas anteriormente por mãos estranhas, que não foram percebidas. Entretanto, quiseram tentar a prova novamente, recolocando a folha dobrada em cima dessas palavras, cobrindo-as com o boné. Decorridos alguns minutos perceberam que a folha continha três letras: a i m. Repuseram o papel e pediram fossem os escritos completados e obtiveram: Amai a Deus, isto é, aquilo que fora escrito no mármore, menos o B. Ficava assim evidente que as primeiras letras traçadas resultavam de escrita direta. Ressaltava, ainda, esse fato curioso: as letras foram grafadas sucessivamente e não de uma vez; quando da primeira inspeção, não houvera tempo de concluir as palavras. Saindo do Louvre, o Sr. D... dirigiu-se à igreja de Saint-Germain l'Auxerrois onde obteve, pelo mesmo processo, as palavras: Sede humildes. Fénelon, escritas de maneira muito clara e muito legível. Estas palavras ainda podem ser vistas no mármore da estátua a que nos referimos.

A substância de que são feitos esses caracteres tem toda a aparência da grafita do lápis e é facilmente apagada com a borracha. Examinamo-la ao microscópio e constatamos que não é incorporada ao papel, mas simplesmente depositada na superfície, de maneira irregular, sobre as suas asperezas, formando arborescências muito semelhantes às de certas cristalizações. A parte apagada pela borracha deixa à mostra as camadas de matéria negra introduzida nas pequenas cavidades das rugosidades do papel. Destacadas e retiradas com cuidado, essas camadas são a própria matéria que se produz durante a operação. Lamentamos que a pequena quantidade recolhida não nos tenha permitido fazer a sua análise química; mas não perdemos a esperança de o conseguir um dia.

Quem quiser reportar-se às explicações que foram dadas em nosso artigo anterior encontrará completa a teoria do fenômeno. Para escrever dessa maneira, o Espírito não se serve das nossas substâncias, nem dos nossos instrumentos. Ele próprio fabrica a matéria e os instrumentos de que há mister, tirando, para isso, os materiais preciosos, do elemento primitivo universal que, pela ação da sua vontade, sofre as modificações necessárias à produção do efeito desejado. Possível lhe é, portanto, fabricar tanto o lápis vermelho, a tinta de imprimir, a tinta comum, como o lápis preto, ou, até, caracteres tipográficos bastante resistentes para darem relevo à escrita.

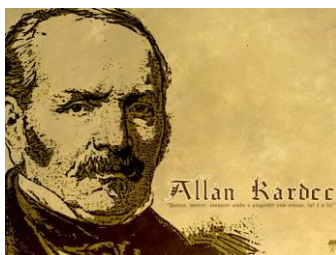
Tal o resultado a que nos conduziu o fenômeno da tabaqueira, descrito em nosso número anterior, e sobre o qual nos estendemos longamente, porque nele percebemos oportunidade para perscrutarmos uma das importantes leis do Espiritismo, lei cujo conhecimento pode esclarecer mais de um mistério, mesmo do mundo visível. Assim é que, de um fato aparentemente vulgar, pode sair a luz. Tudo está em observar com cuidado e isso todos podem fazer como nós, desde que se não limitem a observar efeitos, sem lhes procurarem as causas. Se a nossa fé se fortalece de 316 dia para¹²

dia, é porque compreendemos. Tratai, pois, de compreender, se quiserdes fazer prosélitos sérios. Ainda outro resultado decorre da compreensão das causas: o de deixar riscada uma linha divisória entre a verdade e a superstição.

Considerando a escrita direta do ponto de vista das vantagens que possa oferecer, diremos que, até o presente, sua principal utilidade há consistido na comprovação material de um fato sério: a intervenção de um poder oculto que, nesse fenômeno, tem mais um meio de se manifestar. Todavia, raramente são extensas as comunicações que por essa forma se obtêm. Em geral espontâneas, elas se reduzem a algumas palavras ou proposições e, às vezes, a sinais ininteligíveis. Têm sido dadas em todas as línguas: em grego, em latim, em sírio, em caracteres hieroglíficos, etc., mas ainda se não prestaram às dissertações seguidas e rápidas, como permite a psicografia ou a escrita pela mão do médium (21)

(21) N. do T.: Vide O Livro dos Médiuns – Segunda Parte – capítulo XII

Revista Espírita 1859 » Agosto » Pneumatografia ou escrita direta



ALLAN KARDEC
(O CODIFICADOR DO ESPIRITISMO)
(1804 - 1869)

Pneumatografia ou Escrita Direta

Livro dos Médiuns - Segunda Parte - Capítulo XII

146. A Pneumatografia é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário. Difere da psicografia porque esta é a transmissão do pensamento do Espírito pela mão do médium.

O fenômeno da escrita é indiscutivelmente um dos mais extraordinários do Espiritismo. Por mais estranho que possa parecer à primeira vista, é hoje um fato averiguado e incontestável. Se a teoria é necessária pra se compreender a possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, mais ainda se torna neste caso, um dos mais chocantes até agora apresentados, mas que deixa de parecer sobrenatural quando compreendemos o princípio em que se funda.

A primeira manifestação desse fenômeno o sentimento dominante foi de desconfiança: a idéia de trapaça ocorreu logo. Porque todos conhecem as tintas chamadas simpáticas, cujos traços invisíveis aparecem algum tempo depois da escrita. Era possível, pois, um abuso da credulidade, e não afirmamos que jamais tenha isso acontecido. Estamos mesmo convencidos de que algumas pessoas, por interesse mercenário, por amor próprio ou para impor a crença nos seus poderes, tenham usado subterfúgios. (Ver o capítulo sobre as Fraudes).

Mas por se poder imitar alguma coisa é absurdo concluir que ela não exista. Não se conseguiu, nos últimos tempos, encontrar o meio de imitar a lucidez sonambúlica, a ponto de causar ilusão? E por ter esse processo habilidoso corrido mundo, devemos concluir que não há sonâmbulos verdadeiros? Porque alguns comerciantes vendem vinho alterado devemos dizer que não existe o vinho puro? Acontece o mesmo com a escrita direta. Entretanto, as precauções para assegurar a realidade de fato são muito simples e fáceis. Graças a elas, hoje não se pode ter a menor dúvida a respeito.(1)

147. Desde que a possibilidade de escrever sem intermediário é um dos atributos dos Espíritos, que estes sempre existiram e em todos os tempos produziram os diversos fenômenos que conhecemos, devem ter produzido a escrita direta na Antiguidade tão bem como hoje. E é assim que se pode explicar a aparição das três palavras no festim de Baltazar. A Idade Média, tão fecunda em prodígios oculta que as fogueiras abafavam, deve ter conhecido também a escrita direta. Talvez mesmo se pudesse encontrar na teoria das modificações que os Espíritos produzem na matéria, que desenvolvemos no capítulo VIII, o princípio da crença medieval na transmutação dos metais.

Mas qualquer que tenham sido os resultados obtidos nas épocas anteriores, foi somente depois da vulgarização das manifestações espíritas que se tomou a sério o problema da escrita direta. O primeiro que o deu a conhecer em Paris, nos últimos

anos, parece que foi o Barão de Guldenstubbé, ao publicar uma obra muito interessante sobre o assunto, com grande número de fascículos de escritas obtidas.(2) O fenômeno já era conhecido na América há algum tempo. A posição social do Sr. de Guldenstubbé, sua independência, a consideração que desfruta no alto mundo afastam incontestavelmente qualquer suspeita voluntária, pois nenhum motivo interesseiro poderia movê-lo. Poder-se-ia admitir a sua própria ilusão, mas a isso responde decisivamente um fato: a obtenção do mesmo fenômeno por outras pessoas que se cercaram de todas as precauções necessárias para evitar qualquer trapaça ou motivo de engano.

148. A escrita direta é obtida, como a maioria das manifestações espíritas não espontâneas, pelo recolhimento, a prece e a evocação. Muitas vezes foi obtida nas igrejas, sobre os túmulos, junto a estátuas e imagens de personagens evocadas. Mas é evidente que o local só influi por favorecer o recolhimento e a maior concentração mental, pois está provado que é obtida igualmente sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, como sobre um simples móvel caseiro, desde que se esteja nas condições morais exigidas e se disponha da necessária faculdade mediúnica.(3)

Achava-se a princípio que era necessário colocar um lápis com o papel. O fato, então, poderia ser mais facilmente explicado. Sabe-se que os Espíritos movem e deslocam objetos, que pegam e atiram à distância, podendo assim pegar o lápis e escrever. Desde que o fazem por intermédio da mão dos médiuns ou de uma prancheta, poderiam também fazê-lo de maneira direta. Mas logo se verificou que a presença do lápis era desnecessária, que bastava um simples pedaço de papel, dobrado ou não, para em breves minutos aparecerem às letras. Com isso o fenômeno mudou completamente de aspecto e nos lançou em outra ordem de idéias. As letras são escritas com uma certa substância, e desde que não se forneceu ao Espírito nenhuma substância, ele a teve de produzir, de compô-la por si mesmo. De onde a tirou? Esse o problema.

Reportando-nos às explicações do cap. VIII, nºs 127 e 128, encontraremos a teoria completa desse fenômeno. O Espírito não se serve de substâncias e instrumentos nossos. Ele mesmo os produz, tirando os seus materiais do elemento primitivo universal, que submete, por sua vontade, às modificações necessárias para atingir o efeito desejado. Assim, tanto pode produzir a grafita do lápis vermelho, a tinta de impressão tipográfica ou a tinta comum de escrever, como a do lápis preto e até mesmo caracteres tipográficos suficientemente duros para deixarem no papel o rebaixo da impressão, como tivemos, ocasião de ver. (4)

149. Esse o resultado a que nos conduziu o fenômeno da tabaqueira, relatado no cap. VII, nº 116, sobre o qual nos estendemos bastante, porque percebemos a oportunidade de sondar uma das leis mais importantes do Espiritismo, cujo conhecimento pode esclarecer diversos mistérios do mundo invisível. É assim que de um fato aparentemente vulgar pode sair à luz. Basta observar com atenção, e é o que todos podem fazer, como nós, quando não se limitarem a ver os efeitos sem procurar as causas. Se a nossa fé se firma dia a dia é porque compreendemos; fazei pois compreender, se quiserdes conquistar adeptos sérios. A compreensão das causas tem ainda outro resultado, que é o de estabelecer uma linha divisória entre a verdade e a superstição.

Se considerarmos a escrita direta quanto às vantagens que pode oferecer, diremos que até o presente a sua principal utilidade consiste na constatação material de um fato importante: a intervenção de um poder oculto que encontra nesse processo um novo meio de se manifestar. Mas as comunicações assim obtidas são raramente de alguma extensão. Em geral são espontâneas e se limitam a palavras, sentenças, freqüentemente sinais ininteligíveis. São obtidas em todas as línguas: em grego, em latim, em siríaco, em caracteres hieroglíficos, etc., mas ainda não serviram às conversações contínuas e rápidas que a psicografia ou escrita pela mão do médium permite.

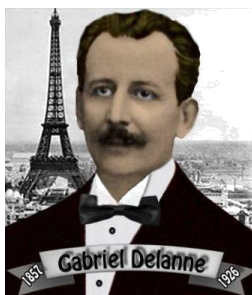
Livro dos Médiuns - Segunda Parte - Capítulo XII

(1) A tendência das pessoas é sempre de generalizar a fraude, mormente em se tratando de Espiritismo. E isso tanto ocorre entre o povo como nos meios científicos. Nesse ponto, como Kardec acentua em várias ocasiões, os sábios preferem ficar no nível do vulgo. A escrita direta, como a fotografia psíquica e a tiptologia tem sido desprezadas e ridicularizadas por causa de algumas fraudes, como se a fraude não fosse uma constante da espécie humana. Mas de Kardec até hoje as pesquisas sérias sempre confirmam a realidade desses fenômenos. Veja-se o debate sobre psicocinesia na Parapsicologia atual. (N. do T.)

(2) La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe, pelo barão de Guldenstubbé, 1 vol. in-8º, com 30 estampas. Preço 8 fr. Casa Frank, rua Richelieu, Paris. Encontra-se também a venda nas Casas Dentu e Ledoyen. (N. do T.)

(3) As expressões sobre os túmulos, junto a imagens, sobre móveis decorrem das primeiras experiências feitas pelo Sr. Diddier Filho e outros membros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, como se pode ver pelos relatos publicados na Revista Espírita. (N. do T.)

(4) Curioso caso de impressão tipográfica direta vem relatado no vol. III da Revista Espírita, tendo o Espírito ordenado à queima do papel assim impresso e a colocação de outro no lugar em que se obtivera o fenômeno. Obedecido, produziu de novo o mesmo efeito e em condições que excluem a menor suposição de fraude. Esses fenômenos são considerados absurdos por aqueles que jamais os obtiveram, mas basta essa condição negativa para invalidar suas opiniões. A pesquisa espírita e metapsíquica posterior a Kardec têm comprovado os fatos. (N. do T.)



GABRIEL DELANNE
(1857 - 1926)

AS EXPERIÊNCIAS DO BARÃO DE GULDENSTUBBÉ

Foi em 1856 que a escrita direta foi observada com rigor pelo barão de Guldenstubbé que, com o conde d'Ourches, o barão de Brévern e o conde Szappari, formava uma sociedade de pesquisadores esclarecidos, instruídos e desejos de controlar severamente esses fenômenos, na época tão novos e aparentemente sobrenaturais.

A irmã do sr. Guldenstubbé era o médium, de modo que nenhuma suspeita motivada podia levantar-se contra a sinceridade das experiências. Perfeitamente a par das comunicações pela mesa e pelos médiuns escreventes, o sr. Guldenstubbé quis uma demonstração inteligente da ação direta dos espíritos, e obteve centenas delas, nas mais variadas condições. Foi então que publicou, em 1857, seu livro intitulado *La Réalité des Esprits et le Phénomène Merveilleux de leur Écriture Directé*, onde relata as circunstâncias nas quais essas escritas foram obtidas. No final da obra, encontramos fac-símiles desses manuscritos, num total de 30. Acreditamos no valor desses documentos, porque nos pareceria insensato supor que homens de sociedade, inteligentes, letrados, ricos, e conseqüentemente a salvo das vicissitudes materiais da existência, tenham se juntado para enganar o público porque só conseguiriam ser alvo dos incrédulos e dos anátemas do clero que, aliás, não lhes faltaram. A partir do momento que vimos o mesmo fenômeno reproduzir-se em todos os países, e perante observadores sábios e atentos, não temos mais razões para suspeitar da boa fé do barão, cuja sinceridade e cujo sentimento profundamente religioso saltam aos olhos em cada linha do seu livro. Eis como teve a ideia de recorrer a essa espécie de experimentação:

O autor, estando sempre em busca de uma prova inteligente, e ao mesmo tempo palpável, da realidade substancial do mundo sobrenatural, a fim de demonstrar, por fatos irrefutáveis, a imortalidade da alma, jamais cessou de dirigir fervorosas preces ao Eterno para que se dignasse indicar aos homens um meio infalível de reafirmar a fé nessa imortalidade, base eterna da religião. O Eterno, cuja misericórdia é infinita, acolheu-lhe as humildes preces. Um belo dia, foi a primeiro de agosto de 1856, ocorreu-lhe a idéia de verificar se os espíritos podiam escrever diretamente, sem a intermediação de um médium... Pôs um papel de cartas branco e um lápis numa caixinha fechada a chave, carregando essa chave sempre consigo, e sem falar com ninguém sobre sua experiência. Durante doze dias esperou em vão, sem perceber

qualquer traço de lápis no papel, mas qual não foi seu espanto quando, a 13 de agosto de 1856, percebeu alguns caracteres misteriosos nele traçados; mal os viu, repetiu dez vezes, durante aquele dia inesquecível, a mesma experiência, pondo, a cada meia hora, uma nova folha de papel na mesma caixa. Todas às vezes a experiência foi coroada de êxito.

Poder-se-ia imaginar que o próprio sr. Guldenstubbé, em sonambulismo, tivesse escrito a primeira mensagem, se o fato não se tivesse repetido diante dele, perfeitamente acordado. Quanto a crer que ele pudesse ser o autor inconsciente dos escritos, por um desdobramento involuntário que não tivesse percebido, achamos essa hipótese insustentável, porque nenhuma experiência jamais permitiu constatar que esse fenômeno fosse possível. O que torna essa objeção inaceitável, é o fato, que constataremos imediatamente, de que não apenas não era sua letra que estava assim reproduzida, mas que muitas vezes era a de pessoas que ele não tinha conhecido. Assinalamos também uma diferença entre essas experiências e as outras que citamos anteriormente, ela é de molde a mostrar-nos igualmente que o poder atuante não era a mente do barão:

No dia seguinte, 14 de agosto, o autor fez de novo umas vinte experiências, deixando a caixa aberta e não a perdendo de vista; foi então que o autor viu caracteres na língua estoniana formando-se ou serem gravados no papel sem que o lápis se mexesse. A partir de então, vendo a inutilidade do lápis, o autor deixou de colocá-lo sobre o papel. Simplesmente põe um papel em branco em cima de uma mesa da casa, ou no pedestal de estátuas antigas, em sarcófagos, em urnas etc., no Louvre, em Saint-Denis, na igreja de Saint-Étienne du Mont etc.

Essa curiosa maneira de produzir a escrita sem empregar lápis ou caneta foi observada depois por diversos sábios (9) e, da parte dos espíritos, destaca processos de utilização da matéria que ainda não ocorreram aos nossos sábios oficiais. Para mostrar que a operação da escrita não se deve à intervenção do demônio, o religioso sr. Guldenstubbé submeteu-se a todas as medidas de precaução imaginadas por seu amigo, o conde d'Ourches:

(9) *Ver Psychographie, de Oxon (Stainton Moses), e consultar a obra do sr. Rochas, l'Exteriorisation de ta Motricité, a respeito dos traços deixados por Eusapia Paladino numa parede, e até no peitinho da camisa de um dos experimentadores. Ver p. 140 e 162.*

Após ter constatado a realidade do fenômeno da escrita direta por mais de trinta experiências repetidas, a principal preocupação do autor foi demonstrar a existência real desse milagre a outras pessoas. Inicialmente, dirigiu-se ao seu nobre amigo, o sr. conde d'Ourches, que também dedicou sua vida inteira à magia e ao espiritualismo. Só depois de seis sessões, a 16 de agosto de 1856, às 11 horas da noite, na casa do autor, o conde viu pela primeira vez esse fenômeno prodigioso. A princípio, ele ficou desconcertado com nossas primeiras experiências. Não duvidou da realidade do fenômeno, sabendo muito bem que o autor não tem o dom da mediunidade, de escrever maquinalmente; também não atribuiu o insucesso à influência dos demônios, mas acreditava que certos espíritos astutos e pouco cordiais queriam privá-lo de ser testemunha ocular de um milagre tão evidente. Então, ao lado do papel em branco destinado à escrita de algum espírito, pôs uma cópia do famoso critério do apóstolo

São João, a respeito do discernimento dos bons espíritos: 'Todo espírito que confesse que Jesus Cristo veio em carne, é de Deus.' (10) Dez minutos depois, um espírito simpático, cuja letra e assinatura o autor reconheceu imediatamente, escreveu diretamente, diante do conde d'Ourches, o seguinte: 'Confesso Jesus em carne.' O espírito, portanto, aceitou sinceramente o sinal pelo qual, segundo São João, pode-se conhecer um bom espírito. Esse fenômeno deve confundir todos os nossos ortodoxos demonóforos, que só acreditam em milagres demoníacos.

(10) Observemos que essas práticas puramente místicas são completamente inúteis e que um espírito céptico, judeu, maometano etc., mesmo que não confesse "que Jesus veio em carne", nem por isso será execrado.

A partir desse momento, o conde d'Ourches viu mais de quarenta vezes o fenômeno prodigioso da escrita direta, ora na própria casa, ora na do autor, e em diversos lugares. Mais tarde, no mês de outubro, obteve, mesmo sem a colaboração do autor, várias escritas diretas dos espíritos. Uma dessas cartas de além-túmulo foi da mãe dele, falecida há uns vinte anos.

Para nosso autor, parece totalmente absurdo ver nesses fatos uma ação inconsciente do seu pensamento. "Repugna-me — diz ele — levar em conta uma objeção tão inepta, que não passa de uma ficção dos homens desmiolados de hoje!" Ele observa que geralmente não eram espíritos em que ele pensava que vinham, mas desconhecidos, porque nunca fazia evocações particulares.

Citamos algumas experiências nas quais escritas obtidas foram bem diferentes entre si. Ora eram lendas em grego ou latim e traçadas em caracteres lapidares ou cursivos, ora mensagens em alemão, com uma letra que não era a de nenhuma pessoa presente.

Eis alguns detalhes:

Nº 8 - Primeira escrita em latim lapidário, obtida na presença do conde d'Ourches, no Louvre, perto da estátua de Germanicus, em 26 de agosto de 1856

Nº 9 - Escrita em latim lapidário, elaborada em 28 de agosto no Louvre, perto da estátua de Júlio César, na presença do conde d'Ourches e de várias outras testemunhas.

Nº 10 - Escrita em latim lapidário, perto de estátua desconhecida, no salão de Imperadores romanos, na presença do conde d'Ourches e do General Brewern, em 4 de setembro de 1856

Infelizmente, o barão não nos dá detalhes das circunstâncias em que essas escritas diretas foram obtidas, mas, como a escrita na casa dele se formava sem que ninguém estivesse perto do papel, é provável que o mesmo devia ocorrer nas experiências tentadas nos museus e nas igrejas. Logo veremos um relato de Pierart, diretor da Revue Spiritualiste, que conta como as coisas se passavam habitualmente. Deve-se observar que os textos nem sempre reproduziam a mesma letra. Pudemos constatar a produção de mensagens inteligentes em latim e em grego lapidares, em latim e em grego comuns, em língua estoniana, em francês, em russo, em alemão e em versos alemães, em inglês e, finalmente, em italiano.

Vejam algumas experiências sobre as quais o autor é mais explícito; parece que, nesse caso, as precauções foram tomadas seriamente, sem que os resultados fossem diminuídos:

Nº 20 - Figura desenhada em uma resma de papel, nova e ainda selada, do mesmo modo que deixou a loja, na casa do autor, em 24 de dezembro de 1856. O barão general Brewern estava presente e assistiu como testemunha ocular. O conde d'Ourches e o marquês de Planty, também convidados a participar, não foram. Eles foram aguardados até a meia-noite, mas mais ou menos em torno desse tempo, a mobília começou a partir em todos os lugares, o médium se colocou ao piano e ordenou que se colocasse, sobre uma pequena mesa, uma resma de papel nova, envolto por papel amarelo e selada pelo revendedor, que o general Brewern tinha trazido. Ao fim de um quarto de hora, o médium parou de tocar e pediu ao general Brewern que abrisse a resma; várias figuras foram encontradas, esta entre elas, e uma escritura grega, assinada por Platão, uma escritura latina assinada por Cícero e uma escritura inglesa, assinada por Spencer.

Claro está que não temos nenhuma prova da veracidade das assinaturas de Cícero e de Platão, mas o interesse do fenômeno não reside nisso: prende-se à escrita em si e ao seu modo anormal de produção.

Observemos que o médium, que sabemos ser a irmã do barão de Guldenstubbé, não conhecia latim, nem grego; não podemos supor, portanto, que os textos obtidos nessas línguas provenham de um desdobramento da sua personalidade, acompanhado de exteriorização. A precaução de utilizar um papel de cartas ainda lacrado afasta também a suspeita de uma fraude, consciente ou não, da parte da médium, se sua boa fé não estivesse estabelecida por sua irrepreensível honestidade. Citamos agora alguns casos em que a letra foi reconhecida:

Nº 22 - Escritura alemã, feita por um espírito que o autor, e vários amigos e parentes do falecido, reconheceu sua escrita, embora falte a assinatura. Este fenômeno teve lugar em 28 de dezembro de 1856, na casa do autor.

Nº 15 - Escrita alemã em verso, assinado pelo padrinho do autor. Esta carta foi escrita em 14 de janeiro 1857 na casa do autor. A perfeita semelhança da mão falecido não só foi constatada por todos os parentes do autor e de seu tio, o referido padrinho, mas ainda pelo tribunal civil da ilha d'Oesel durante a viagem de autor e sua irmã na Rússia, na primavera de 1858.

Esse imponente conjunto de autógrafos estabelece com a maior evidência a certeza de que os espíritos desencarnados podem confirmar autenticamente sua sobrevivência pelas mesmas provas que dariam aqui na Terra, ou seja, por sua assinatura.

A escrita direta no Panteão

Na mesma época, outra testemunha, Pierrart, diretor da Revue Spiritualiste, teve oportunidade de observar fatos semelhantes, e os relata, dando todas as referências, nestes termos:

Há um gênero de fatos muito convincentes, a que não se pode opor a menor objeção. É o da escrita direta, fenômeno pelo qual um espírito vem traçar num papel colocado por uma pessoa, e perto dela, sinais e, às vezes, letras, frases inteiras, e isso sem lápis, caneta ou tinta. O sr. de Guldenstubbé, personagem honrado sob todos os aspectos e de uma lealdade a toda prova, obteve, como já dissemos, a solução de uma

grande dificuldade. Mil experiências registradas no seu notável livro o provam. Esperava que um dia me desse testemunho de um prodígio semelhante. Mas, tendo voltado à sua pátria, era-me forçoso esperar quando, de repente, fiquei sabendo que um amigo dele, o barão de Brewern, associado ao conde d'Ourches e à sua médium, a srta. Blanche C., tinha conseguido obter escrita direta. Várias experiências tinham sido feitas por eles e tinham sido coroadas de pleno êxito.

Avisado desses fatos e convidado a uma experiência pelo general de Brewern, a 28 de junho, às 11 horas, dirigi-me ao Panteão com ele, o conde d'Ourches, a srta. Blanche e o pastor Bellot. Dirigimo-nos à capela de Santa Genoveva, diante da qual nos sentamos. Após um momento de recolhimento e oração, papéis foram colocados como na vez anterior. Tendo-me sido dado um desses papéis pelo pastor Bellot (era uma folha com seu monograma), fiz com que cada um dos assistentes o examinasse, depois, tendo-lhe feito uma marca, a fim de constatar-lhe a substituição, caso ocorresse, fui em companhia da médium colocá-lo no embasamento de uma coluna, diante da qual voltei a sentar-me, sem perder o papel de vista.

Mais ou menos dez minutos depois, ouviram-se pancadinhas na escada do altar de Santa Genoveva, que ficava à nossa esquerda. A médium me disse que as pancadas eram um sinal dado pelo espírito para indicar que podíamos ir buscar o papel; apressei-me a fazê-lo. Tendo o papel sido apanhado por mim, abri-o. No seu interior vi uma cruz que parecia ter sido traçada por um lápis de grafite, e, depois de mim, cada um dos assistentes constatou a existência da cruz. Como tinha sido traçada no papel, não sei. Tudo que sei é que não poderia ter sido feita por uma mão humana.

Em outros papéis colocados pelo conde d'Ourches, encontrava-se a cópia mal desenhada de um cajado, sem dúvida devida à idéia que um de nós teve da pastora de Nanterre, diante de cuja imagem estávamos, e que um espírito teria reproduzido; encontravam-se também sinais, traços diversos, nos quais não conseguimos ver qualquer significado.

Eis os fatos que, perante Deus e por minha honra, achei-me no dever de revelar, para que possam servir de ensinamento e de edificação a quem de direito. O sr. general de Brewern, rua de Chaillot 74, o sr. conde d'Ourches, passagem Saulnier 22, o sr. Bellot, rua des Écuries d'Artois 8, a srta. Blanche C., rua de Rochefoucault 62 que foram testemunhas, como eu, desses fatos, estão dispostos a atestá-los quando solicitados.

Evidentemente, esse fenômeno é menos desenvolvido do que os anteriores e talvez menos convincente devido à proximidade do médium no momento em que o papel foi depositado, mas não nos esqueçamos de que o papel tinha o monograma do pastor Bellot e que Pierrart tinha feito nele uma marca particular. Só o narramos para mostrar que, exceto o barão de Guldenstubbé, seus amigos tinham ido para verificar a existência da escrita direta. (11) Podemos publicar um volume importante com os relatos autênticos que possuímos sobre esse fenômeno. Stainton Moses o fez, e sua obra, cujo título é *Psychography*, é absolutamente convincente. O dr. Gibier, por seu turno, relatou minuciosamente os resultados das suas experiências com Slade em *O Espiritismo (Faquirismo Ocidental)*. Então, não insistiremos longamente aqui, remetendo o leitor aos livros citados. Encerramos esta revisão sumária com o caso de Chicago, constatado pelo prof. Moutonnier, que o relatou nos *Annales Psychiques*.

(11) Não podendo alongar-nos nesses relatos, remetemos o leitor à *Revue Spiritualiste*, 1858, p. 240 e 417; 1859, p. 126, 141, 145, 166, 204, 206, 232; 1862, p. 90. Ver também o livro de Stainton Moses intitulado *Psychographie*, que narra todas as experiências do autor e grande quantidade de outras do maior interesse.

(12) *Annales Psychiques*, 1899, p. 65.

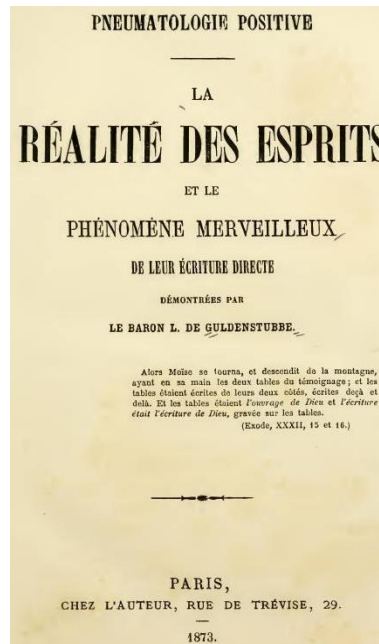
Fonte: Gabriel Delanne - Pesquisas sobre mediunidade - Terceira Parte - Cap. IV



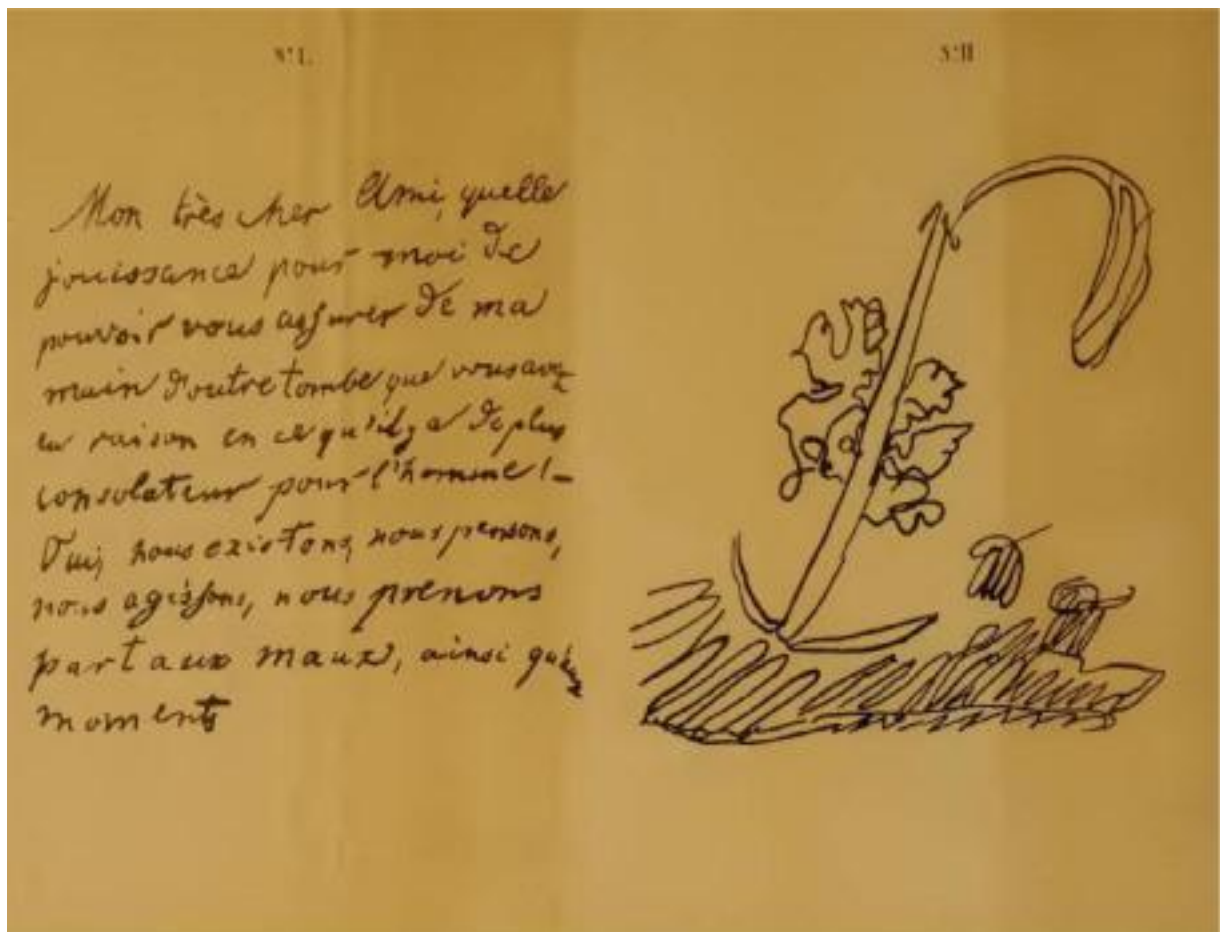
30 GRAVURAS

PNEUMATOGRAFIA

(ESCRITA DIRETA DOS ESPÍRITOS)



LA REALITÉ DES ESPRITS ET DE LEURS MANIFESTATIONS, DÉMONTRÉE PAR LE PHÉNOMÈNE DE L'ÉCRITURE DIRECTE, PAR M. LE BARON DE GULDENSTUBBÉ, 1 VOL. IN-8, AVEC 15 PLANCHES ET 93 FAC SIMILE. PRIX 8 FR. CHEZ FRANK, RUE RICHELIEU, 1857, PARIS. SE TROUVE AUSSI CHEZ DENTU ET LEDOYEN.

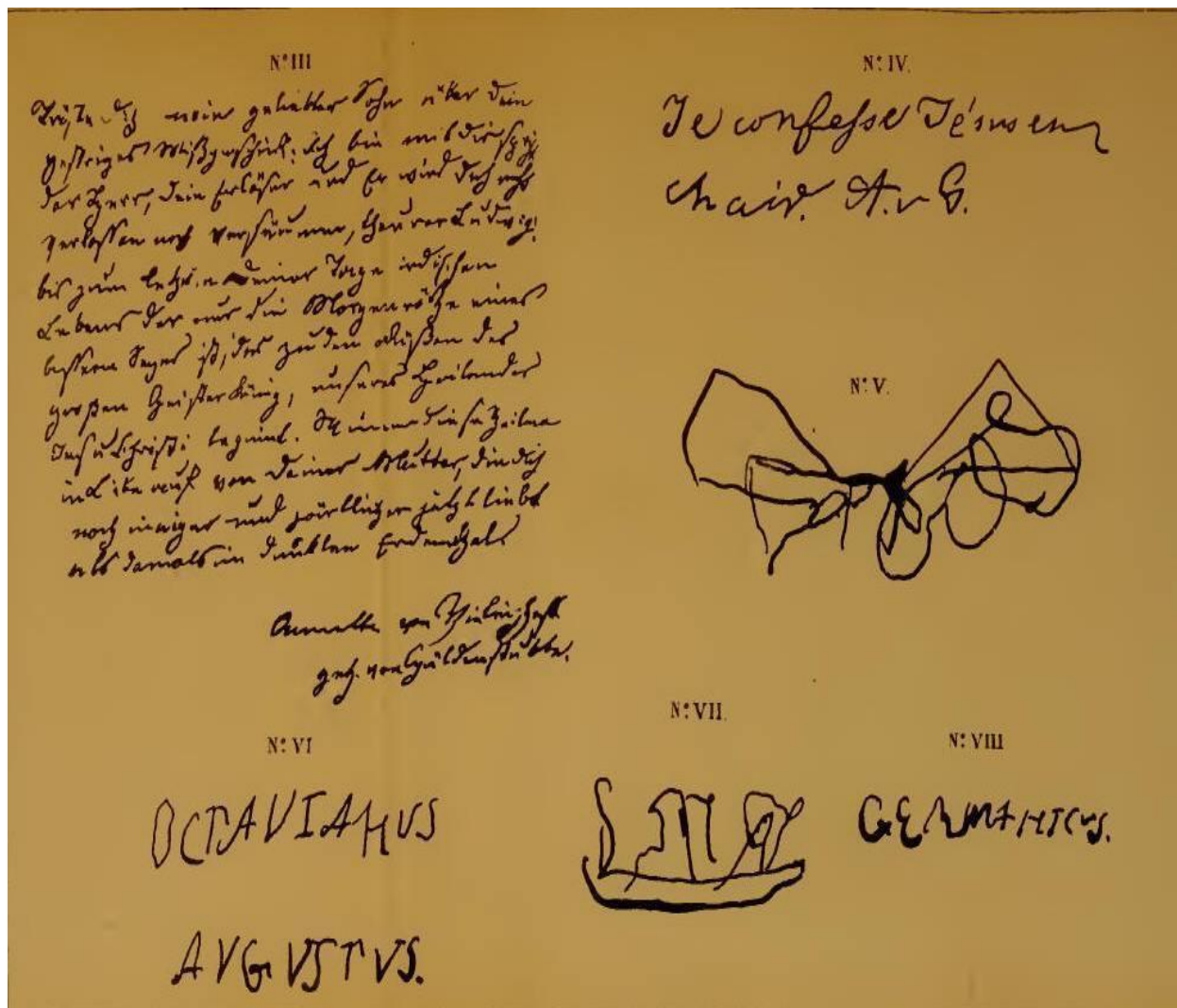


M. Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe

Figuras I a II - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

I - Carta do além-túmulo de um amigo do autor, que muitas pessoas reconheceram por sua escrita. Esta carta foi traçada em francês, em 1º de fevereiro de 1857 (por volta de dois anos após a morte do falecido), na casa do autor.

II - Figura que foi desenhada no Louvre, no Museu Egípcio, na presença de várias testemunhas, no jazigo de Cleópatra, em 4 de setembro de 1862



M. Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe

Figuras III a VIII - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

III - Carta amigável de uma parente do autor, que morreu em 1843. Esta carta, em alemão, foi escrita em 20 de fevereiro de 1837, na casa do autor. Vários conhecidos da falecida reconheceram sua escrita, traçada em tinta azul.

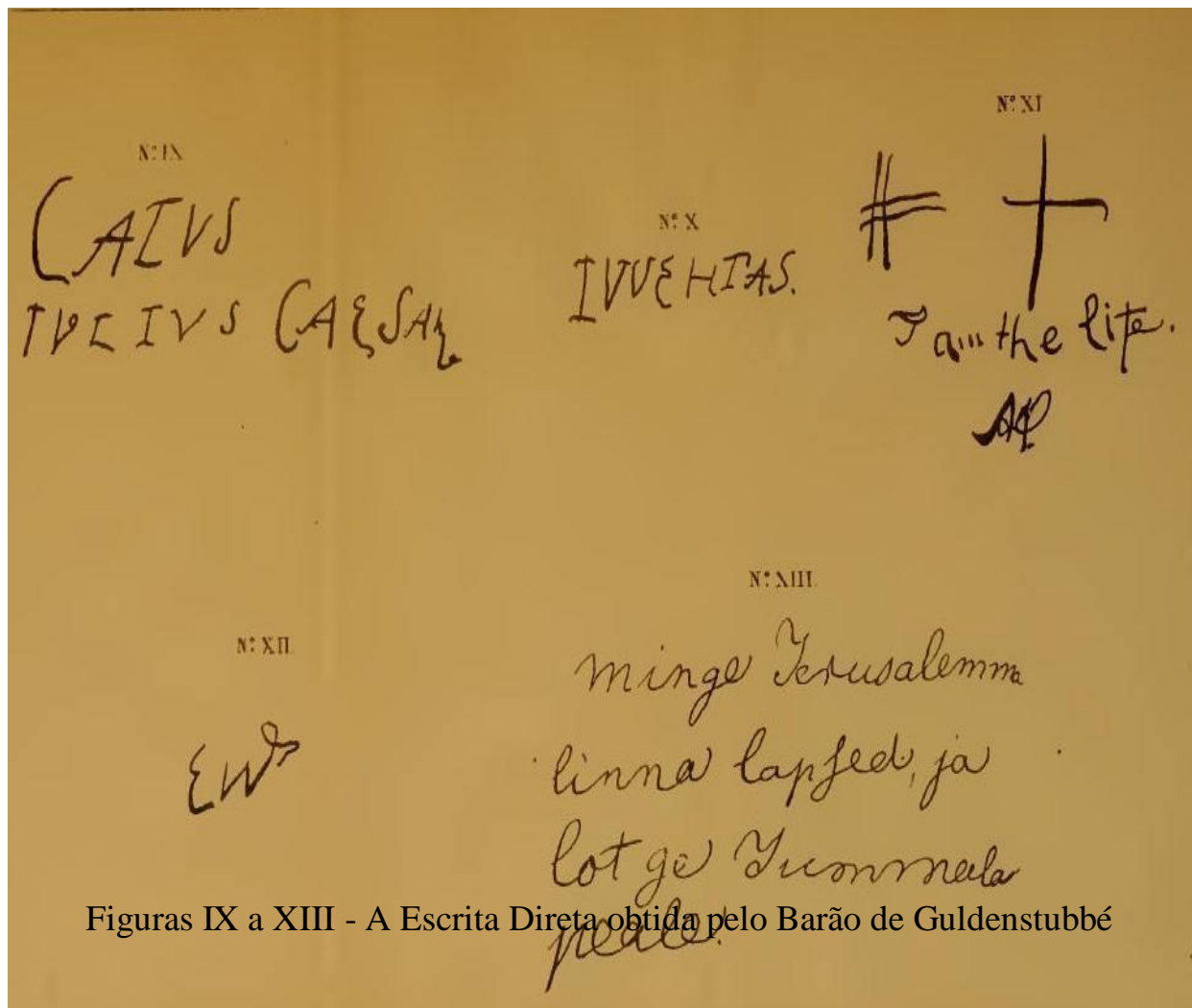
IV - Primeira escrita em francês, assinada por um espírito que o autor conheceu durante sua vida terrena. As palavras: Eu confesso Jesus na carne, são uma resposta enviada pelo Espírito sobre as dúvidas do conde d'Ourches. Esse fenômeno maravilhoso aconteceu, na presença do referido conde d'Ourches., em 16 de Agosto de 1856, às onze horas da noite, na casa do autor.

V - Figura mágica, traçada em 14 de agosto de 1856, em na casa do autor. Essa figura operou várias curas maravilhosas e instantâneas.

VI - Escrita em latim, estilo lapidário, obtido em 26 de agosto no Louvre, na presença do conde d'Ourches, perto da estátua de Augusto, no ângulo de cruzamento da sala Imperadores romanos.

VII - Hieróglifo do Egito, elaborado na presença do Conde d'Ourches, em 30 de agosto de 1856, perto do sarcófago Ramsés III, na sala Egípcia do Louvre.

VIII - Primeira escrita em latim lapidário, obtida na presença do conde d'Ourches, no Louvre, perto da estátua de Germanicus, em 26 de agosto de 1856



Figuras IX a XIII - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

M. Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe

IX - Escrita em latim lapidário, elaborada em 28 de agosto no Louvre, perto da estátua de Júlio César, na presença do conde d'Ourches e de várias outras testemunhas.

X - Escrita em latim lapidário, perto de estátua desconhecida, no salão de Imperadores romanos, na presença do conde d'Ourches e do General Brewern, em 4 de setembro de 1856.

XI - Primeira escrita em inglês com as iniciais de Mary Stuart, feita na presença do conde d'Ourches e de várias testemunhas importantes da embaixada da Prússia em 9 de Setembro, perto da coluna François II em Saint-Denis.

XII - Iniciais do nome de um falecido amigo do autor, feitas em seu túmulo no cemitério Montemartre, em 14 de setembro de 1856, na presença de várias testemunhas.

XIII - Escrita em língua estoniana, feita por um Espírito que o autor conheceu durante sua vida terrena, em 12 de setembro de 1856, na casa do autor, 74, rua do Caminho de Versalhes.

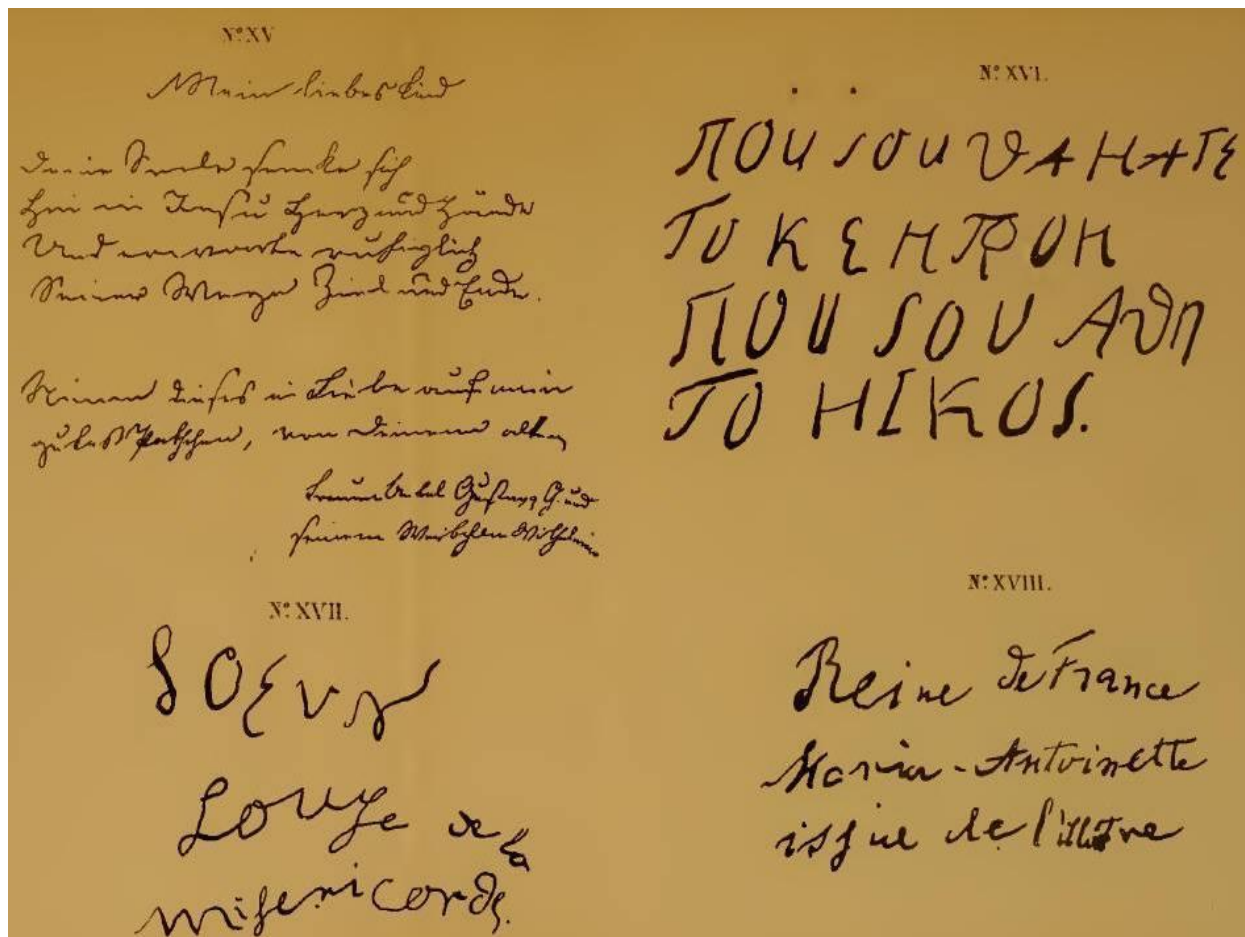
Omnes qui eorum
 ADAMO participavimus
 atque a serpente in
 fraudem inducti
 sumus, per peccatum
 mortui, ac per Coel-
 lesterrum ADAMO
 salutem restituti
 atque ad vitae
 lignum, unde
 escedimus
 per ignominiam
 lignum redacti
 sumus.

P. ABELARDUS

M. Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe

Figura XIV - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

XIV - Escrita excelente, assinada por Abelardo, obtida pelo autor sobre o túmulo deste homem ilustre em Père-Lachaise, sob recomendação (diretamente escrita) de um espírito amigável, em 20 de janeiro de 1857.



M. Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe

Figuras XV a XVIII - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

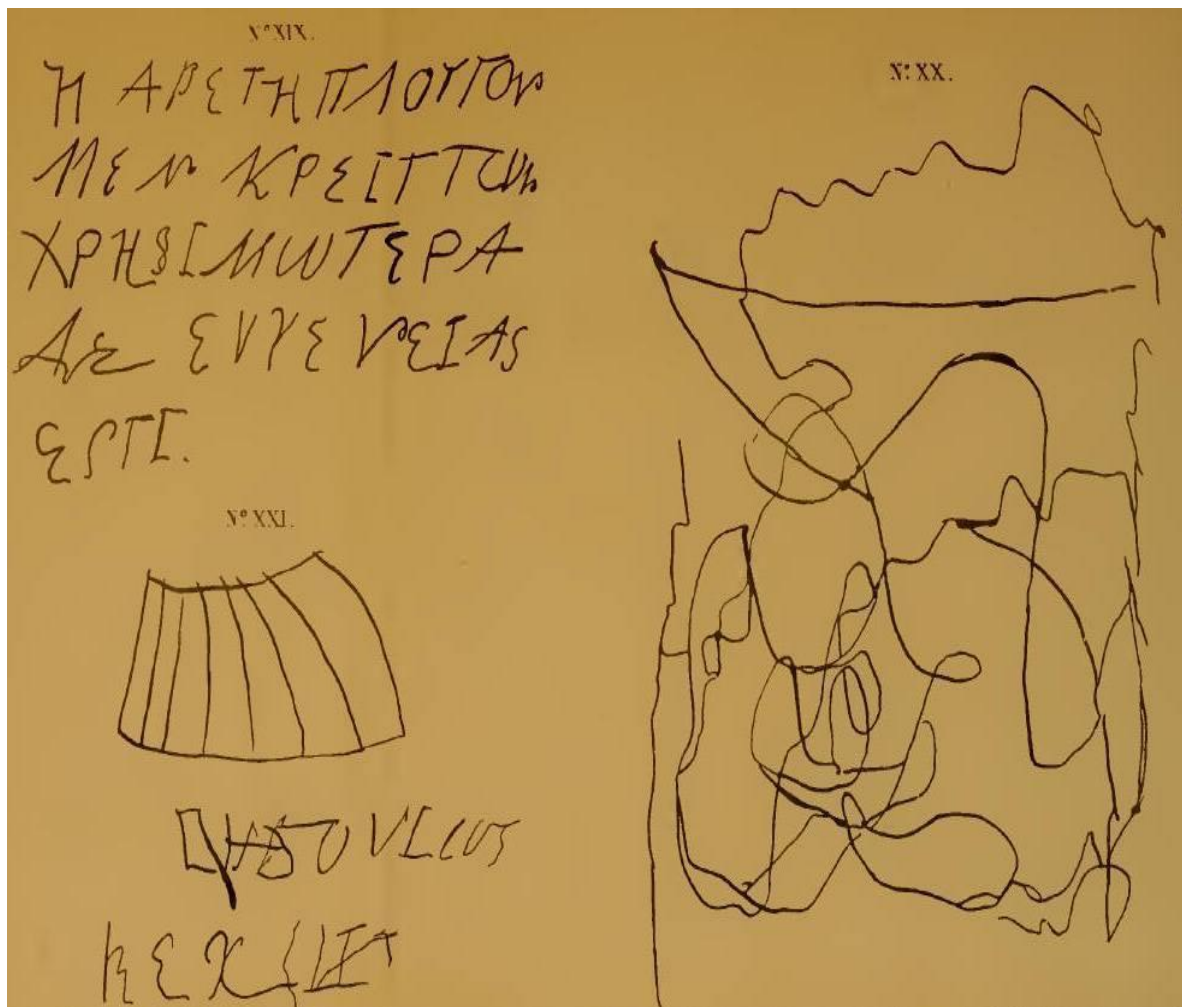
XV - Escrita alemã em verso, assinado pelo padrinho do autor. Esta carta foi escrita em 14 de janeiro 1857 na casa do autor. A perfeita semelhança da mão falecido não só foi constatada por todos os parentes do autor e de seu tio, o referido padrinho, mas ainda pelo tribunal civil da ilha d'Oesel durante a viagem de autor e sua irmã na Rússia, na primavera de 1858.

XVI - Escritura grega, feita na presença do professor Georgii, de Londres, discípulo do ilustre Ling, do conde d'Ourches e do barão de Voigts-Rhetz, em 4 de outubro de 1856, na casa do autor, para provar a todos que a morte é superada, e que nunca devemos ter medo. O original da presente escritura instantaneamente curou o autor de uma febre tifóide no ano seguinte, na Primavera de 1857.

XVII - Escritura da irmã Louise da Misericórdia (La Valliere), feita na presença do coronel Kollmann, em 29 de dezembro de 1856, na Igreja de Val-de-Graco. Lembramos aos nossos leitores o sonho notável que Louise de La Vallière teve nesse mesmo claustro, antes de entrar como dama de honra após a Princesa Henriqueta da Inglaterra, duquesa de Orleans, que Bossuet fala. (Veja a vida de madame de La Valliere no cabeçalho do sermão que Bossuet fez por sua profissão.)

XVIII - Escrita em francês, feita em 10 de março de 1857, no jardim do Petit Trianon, perto da leiteria.

A identidade da escrita foi constatada pelo Sr. Lacordaire, com as cartas dessa infeliz rainha que ainda se encontram nos arquivos Gobelins, em Paris.



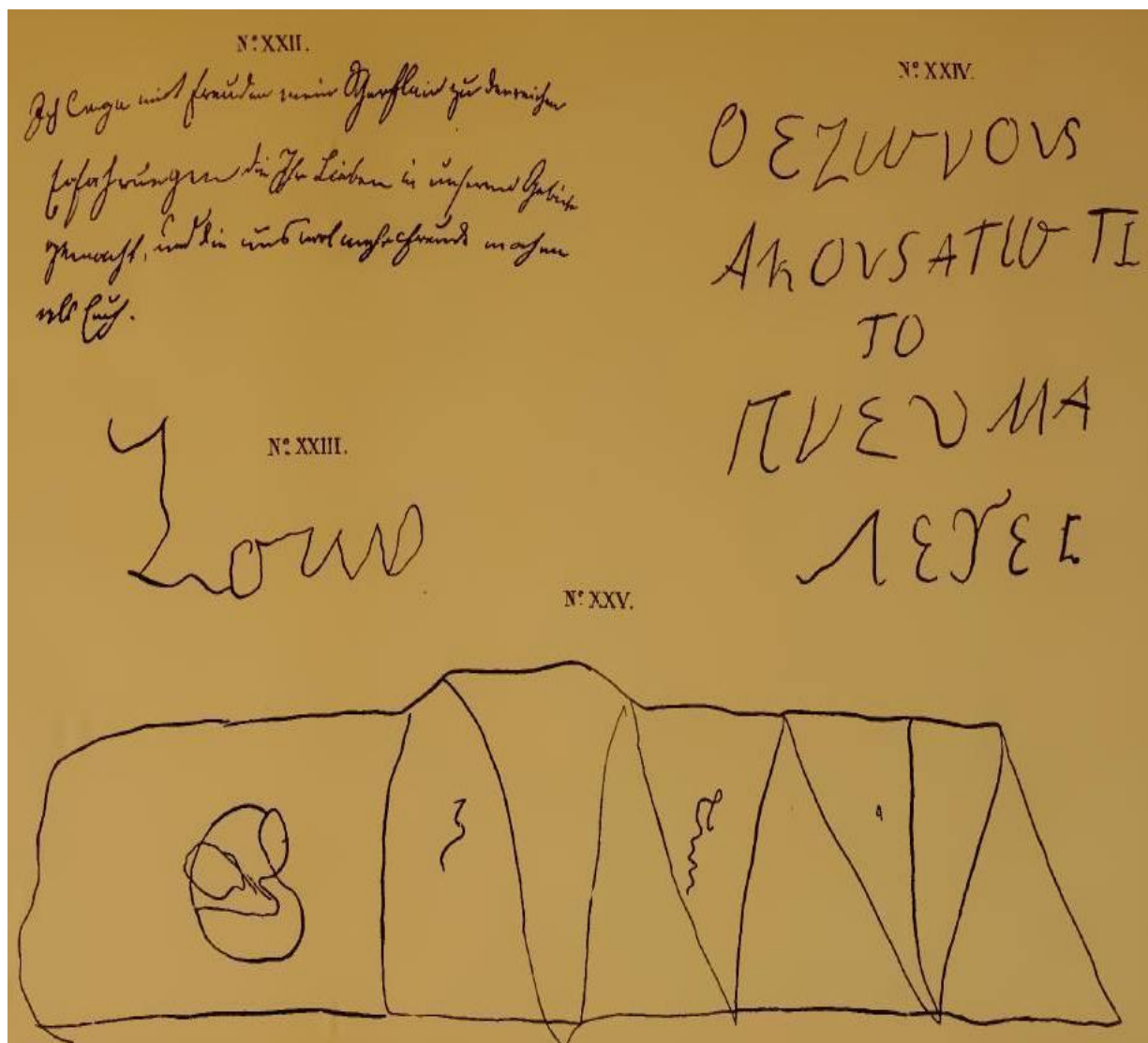
M. Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe

Figuras XIX a XXI - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

XIX - Escrita grega, obtida na presença do barão general Brewern, em 26 de dezembro de 1856, na casa do autor.

XX - Figura desenhada em uma resma de papel, nova e ainda selada, do mesmo modo que deixou a loja, na casa do autor, em 24 de dezembro de 1856. O barão general Brewern estava presente e assistiu como testemunha ocular. O conde d'Ourches e o marquês de Planty, também convidados a participar, não foram. Eles foram aguardados até a meia-noite, mas mais ou menos em torno desse tempo, a mobília começou a partir em todos os lugares, o médium se colocou ao piano e ordenou que se colocasse, sobre uma pequena mesa, uma resma de papel nova, envolto por papel amarelo e selada pelo revendedor, que o general Brewern tinha trazido. Ao fim de um quarto de hora, o médium parou de tocar e pediu ao general Brewern que abrisse a resma; várias figuras foram encontradas, esta entre elas, e uma escritura grega, assinada por Platão, uma escritura latina assinada por Cícero e uma escritura inglesa, assinada por Spencer.

XXI - Figura feita e assinada por São Luís, perto das estátuas de sua família, na sepultura da Catedral de Saint-Denis, em 8 de novembro de 1856, na presença do general Brewern e de várias outras testemunhas importantes.



M. Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe

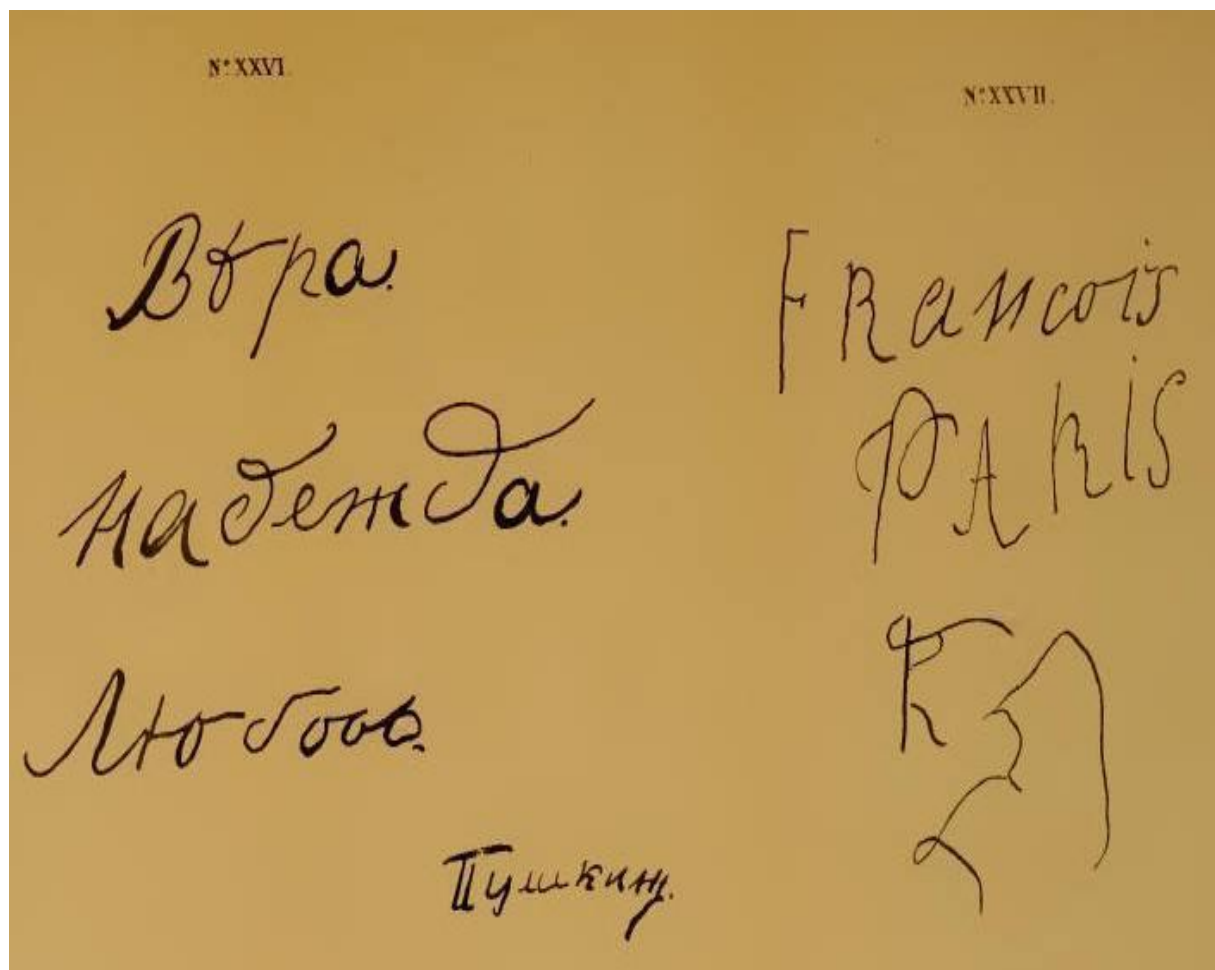
Figuras XXII a XXV - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

XXII - Escrita alemã, feita por um espírito que o autor, e vários amigos e parentes do falecido, reconheceu sua escrita, embora falte a assinatura. Este fenômeno teve lugar em 28 de dezembro de 1856, na casa do autor.

XXIII - Nome francês feito perto do cadafalso de Luís XVIII na Catedral de Saint-Denis, na presença do general Brewern no dia da Toussaint, 1856.

XXIV - Escrita grega, feita na presença do Conde d'Ourches e sr. Revené, em 29 out 1857.

XXV - Figura realizada na presença do general Brewern, que vê as diferentes linhas se formarem na folha de papel que estava sobre a escrivantina do autor, rua do Caminho de Versalhes, nº 74, 15 de novembro de 1856.



M. Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe

Figuras XXVI a XXVII - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

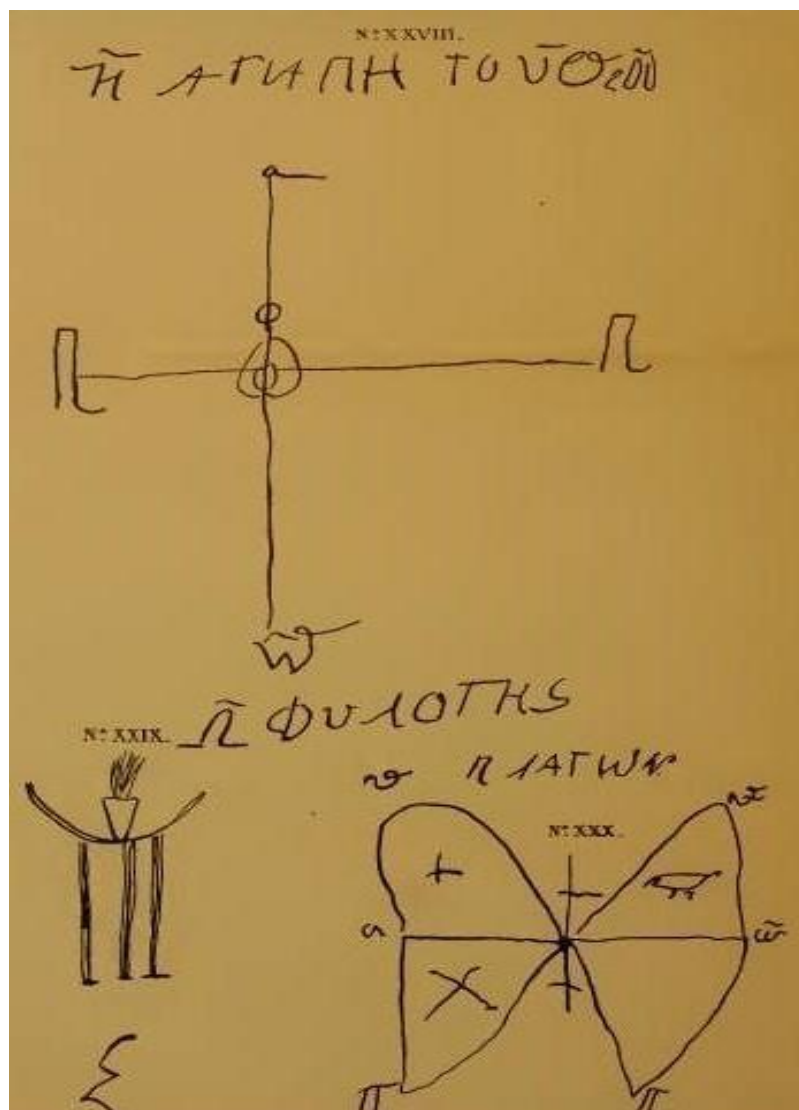
XXVI - Escrita em língua russa, feita na presença do general Brewern, do Príncipe Shakowskoi e de várias testemunhas da embaixada russa, em 20 de novembro de 1857, na casa do autor.

XXVII - Escrita francesa e figura estrangeira, feitas do outro lado do papel pelo espírito do famoso diácono Paris, atrás do altar-mor da igreja de Saint-Médard, onde jaz seu corpo, diante da defesa:

"Pelo rei a Deus,

Para operar milagres neste lugar"

Este espírito, no início, provoca pancadas surdas nas lajes da capela, atrás do altar-mor, na presença do coronel de Kollmann, que remove o papel, colocado diante dele pelo autor, em 02 de novembro de 1856.



M. Le Baron de Guldenstubbé - La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe

Figuras XXVIII a XXX - A Escrita Direta obtida pelo Barão de Guldenstubbé

XXVIII - Escrita grega, assinada pelo famoso Platão e feita na mesma resma selada do general Brewern da figura XX, em 24 de dezembro de 1856. As experiências daquele dia memorável foram coroadas com o maior sucesso.

No papel assinado pelo espírito de Platão, há uma figura que representa uma cruz que possui na sua parte superior um alfa (α) e na sua base um omega (ω). Esta cruz e essas duas letras parecem indicar o início e o fim de todas as coisas. Os dois significam fé e espírito ((πίστις, πνεύμα)). No alto está ((ἀγάπη του Θεου)): O amor de Deus. O termo ((ὦ φίλος)) significa: A meu amigo.

XXIX – Desenho de um tripé Píndaro, assinado E., perto da pequena estátua de Eurípides, no Louvre, na presença do Conde d'Ourches, do príncipe Shakowskoi e de várias outras testemunhas, em 04 de novembro de 1857.

XXX - Figura desenhada com o general Brewern, depois de evocar o famoso príncipe e padre Hohenlohe em 6 de Novembro de 1856, na casa do autor. As cartas gregas adicionados à figura parecem indicar que a morte ((θάνατος)) é superada pela fé ((πίστις)) no espírito ((πνεύμα)) daquele que é o Alfa e o Omega (o início e o fim).